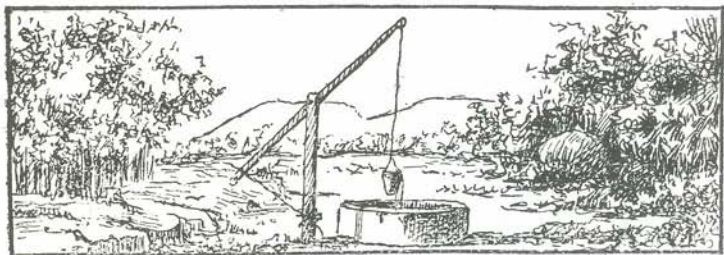


**CHAFARIZES DO LARGO DO MOURA E DAS  
SARACURAS**

—

**VI**



## VI

Nomeado Vice-Rei, d. José Luiz de Castro, segundo conde de Rezende, tomou posse a 9 de junho de 1790. A 20 de julho, logo no começo de seu govêrno, incendiou-se o edificio do Senado da Câmara, onde se perderam importantíssimos livros e documentos referentes à cidade, desde a sua fundação.

Dois anos depois, dava-se a tragédia da Inconfidência Mineira, com a execução de Joaquim José da Silva Xavier (o Tiradentes), que foi levado à forca, no campo de São Domingos, a 21 de abril de 1792, aquele que pedira concessão para construir moinhos nos rios Carioca e Maracanã, e que propôs canalizar êste último, até ao Campo de Santana e, por êsse fato, foi considerado louco.

O conde de Rezende foi o continuador de Gomes Freire; terminou as obras começadas por êle; cobriu o aqueduto da Carioca, substituiu por condutores de pedras os de ferro, que levavam a água da Carioca para o chafariz do largo do Paço, arrancou as lages que cobriam o encanamento da rua do Cano, hoje Sete de Setembro; calçou o meio da rua sobre abóbada; igualmente fez na rua da Vala, até à do Rosário. Construiu o chafariz do largo do Moura e também no seu govêrno foi executado em sua honra o chafariz das Saracuras.

## O chafariz do largo do Moura

Antes de entrarmos no assunto, vamos conhecer o local — o largo do Moura — reduto da soldadesca, picadeiro, escola da capoeiragem clássica, campo de batalha entre Nagôas e Guaiamús, lavanderia pública e barata, e centro da fina flor da malandragem.

Aí existia a forca, depois construíram o necrotério, o desinfectório, o Corpo de Saúde do Exército; quanta coisa desagradável, para em seu centro elevar-se o chafariz, devido ao receio de uma invasão estrangeira, que cortasse o aqueduto da Carioca.

Onde estão hoje o Mercado Novo, o Ministério da Agricultura, o Gabinete Médico Legal, formando uma praça, era outrora, ao centro, o local do chafariz. O nome, trouxe-lhe o regimento que veio de Moura, Portugal, que se aquartelou em frente, à rua d. Manoel e cujo uniforme (dou como curiosidade) era o seguinte: casaca redonda e aberta, azul ferrete; colete e calções amarelos, meias brancas, borzeguins, gola e canhões amarelos; dragonas de prata, bem como as guarnições; chapéu baixo, aba levantada por topete amarelo e plumas; eram apelidados pelo povo de Gaturamos.

Antes dêsse batalhão era costume as famílias receberem em seus lares os soldados vindos de além-mar, mas tais foram as desordens e os desrespeitos que não mais os acolheram.

Era essa a fisionomia do largo do Moura nos tempos coloniais.

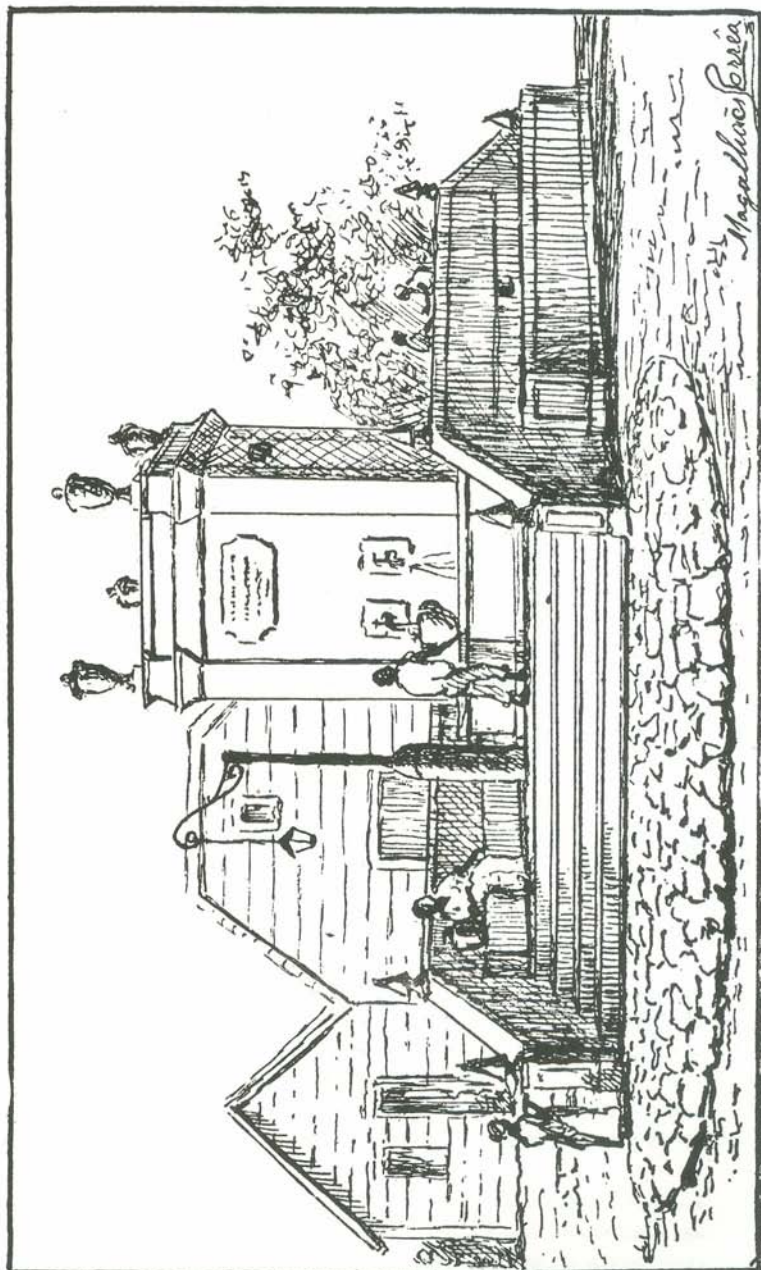
---

Precisando de abastecer o bairro da Misericórdia de água da Carioca, mandou construir, em 1794, o conde de Rezende um chafariz no largo do Moura, tendo, aos lados, tanques para lavadeiras.

Era êle de uma composição original, segundo Araujo Vianna.

Do meio de um pavimento de lages erguia-se a fonte, prismática retangular, de alvenaria, cantonadas de pilastras de pedra trabalhada, encimadas por vasos de mármore.

As arquitraves eram também de granito; óculos arejadores ornavam simetricamente paredes opostas, onde existiam bicas.



Chafariz do Largo do Moura



Na frente estava a lápide com a inscrição e os lugares de duas torneiras. O acesso ao pátio lageado era feito por quatro compridos degraus de granito colocados, na frente e nos fundos. Nos outros lados do pavimento, corria um para-peito com assentos de pedra, nos quais os antigos habitantes deste bairro esperavam a vez de encher os barris que os aguadeiros carregavam. Os bancos de pedra eram infalíveis nesses chafarizes. Na pequena escadaria da fonte notavam-se pedestais terminados por ornatos prismáticos de cantaria, alguns dos quais foram arrancados tempos depois de inaugurado o chafariz.

Este chafariz em lineamentos gerais desperta a quem se interessa pelas coisas de arte um agradável bem-estar, que a proporção, o sentimento e a originalidade causam.

Araujo Vianna considerou-o como uma das coisas mais curiosas nas construções do velho Rio de Janeiro.

A inscrição lapidar em pedra lioz é a seguinte:

"Illmo. e exmo. sr. d. José de Castro, conde de Rezende, vice-rei e capitão general de mar e terra do Estado do Brasil mandou edificar esta fonte.

Anno MDCCXCIV."

Do chafariz demolido é a única coisa que resta, devido à intervenção do sr. João Franklin de Alencar Lima, que evitou sua destruição, enviando-a para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que a guarda em seu seio, livre das modernas picaretas.

No local foi construído o necrotério, também demolido para construção de pavilhões. Quando houve a Exposição do Centenário.

### **O chafariz das Saracurás**

Foi depois da abertura da Avenida Rio Branco e demolição do Convento da Ajuda, localizado outrora na atual Cinelândia, que se conheceu o chafariz.

Pois viveu ele sempre ignorado no solitário ambiente das freiras da Ajuda, longe dos olhares profanos, no rigor da clausura.

Eram essas freiras muito estimadas dos cariocas, pois pelas noites de Natal distribuíam doces, sendo especialistas em bolo de Mãe Benta, pastéis de Santa Clara e alvos suspiros.

Sempre zelosas, aumentaram o convento e restauraram a igreja, que muito sofreu com a revolta de 1893. Aí existia a N. S. da Piedade, que figurou na Exposição de Munich, obra do grande artista Sylvius Eberle.

A essas freiras faltava a água, que pediram e obtiveram do vice-rei d. José Luiz de Castro, conde de Rezende.

---

Cabe a Vieira Fazenda, historiador da cidade e patriota carioca, a honra de ter descoberto aos nossos olhos o monumental e artístico chafariz que denominou das "Saracuras", que se erguia outrora no pátio central do mesmo convento.

Construído de pedra, eram de mármore o braço e a cartela, e de bronze as saracuras, cágados, cruz e bicas, fundidos na Casa do Trem.

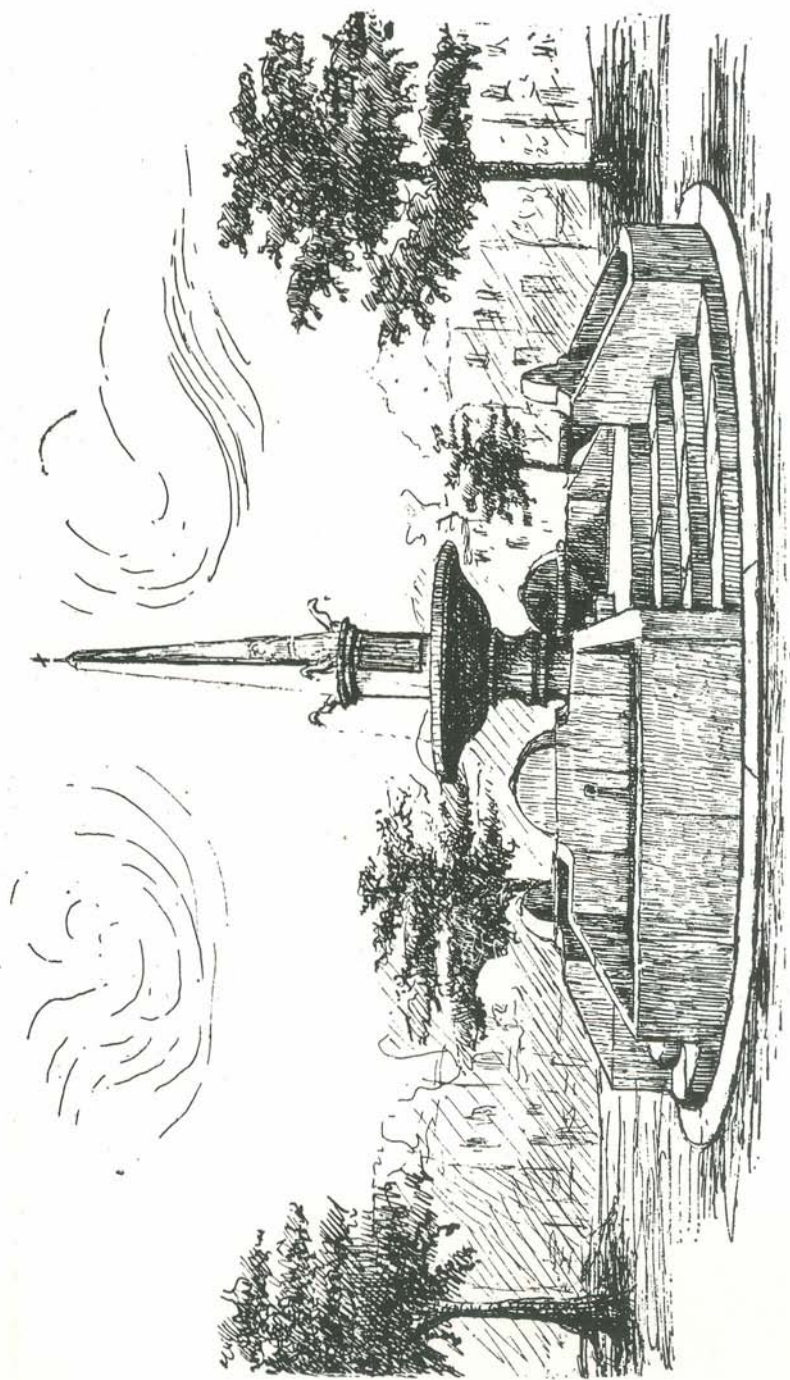
Representa esse chafariz a gratidão das freiras para com o Vice-Rei, conde de Rezende, que, em 1799, canalizou água da Carioca para o referido convento. Por quatro escadas de quatro degraus, sobe-se ao embasamento, que é amplo e circular, e sobre o qual pousa uma grande taça de pedra de um metro e oitenta de alto, de cujo interior se ergue um corpo cilíndrico arrematado por uma moldura, que serve de base a uma pirâmide quadrangular, de três metros, em cujo ápice está uma cruz de bronze. Numa das faces dessa pirâmide está o braço do conde de Rezende, sobre uma cartela lapidar.

Nas arestas e sobre a base da pirâmide estão quatro saracuras de bronze, que lançavam pelo bico na taça cristalina água que desaparecia misteriosamente para ser lançada, de novo, pelas bocas dos cágados, que despejavam o líquido em quatro pias de pedra, colocadas no interior do embasamento, no lado posterior dos grandes tanques; estes, de uma só bica, eram destinados à lavagem de roupa e se acham simetricamente construídos entre as escadas, formando com estas a base circular do chafariz.

A cartela tem a seguinte inscrição:

"Feito com a proteção do Illmo. e exmo. sr. conde de Rezende, vice-rei do Estado do Brasil, sendo atual abbadessa a soror Anna Cherubim de Jesus — Anno de 1799.

---



Chafariz das Saracuras



Demolido o convento da Ajuda, foi o chafariz desmontado e oferecido à Municipalidade, que o colocou no centro da Praça General Osório, em Copacabana, e sobre o cilindro que pousa a pirâmide do chafariz, está uma placa de bronze, em que se lê o seguinte:

“Este chafariz doado á municipalidade pelo exmo. sr. cardeal arcebispo d. Joaquim Arcoverde, foi removido do convento da Ajuda para este local em dezembro de 1914, sendo prefeito do Distrito Federal o exmo. sr. general Bento Ribeiro”.

Com carinho tratou êsse prefeito o chafariz, ha dezenove anos, mas hoje já está tudo mudado; das saracuras, que eram quatro, uma foi roubada e as outras, para não o serem, foram recolhidas ao depósito da I. Matas e Jardins pelo sr. Viana. Dos quatro cágados de bronze, dois lá estão, um foi roubado por um joven, filho de distinta família que mora à rua Visconde Silva e que prometera ao guarda restituir, mas até hoje não appareceu para devolver aquilo que levianamente se apossou, o quarto está no abrigo do encarregado do jardim, agarrado à sua base de pedra, sob a manga de irrigação, pois parece que até a pedra em forma de meia lua, pesando uns sessenta quilos, com o cágado encrustado, ia também para algum recanto colonial.

A taça de pedra, que se acha ao centro do chafariz está cheia, não do precioso líquido, mas de areia, posta pela Saúde Pública para evitar mosquitos, processo prático da teoria do menor esforço.

Façam funcionar para dar vida a êsse recanto tão pitoresco do Rio, pois fontes foram feitas para jorrarem água e não para reservatório de areia!

Essa velha fonte, joia de valor do tempo do vice-reinado, está seca, enquanto que as suas “melindrosas” irmãs se regalam em plena canícula pela abundância de seu principal elemento — a água.

Abandonada, appareceu espoliada de seus bronzes de um século de existência, entregue à guarda do povo de Copacabana, bairro de elite, mas nem assim escapou aos vândalos... talvez por falta de vigilância municipal ou por falta de policiamento.

